



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

PERFORMANCES E SUJEITOS NOS CORDÉIS: SAÍDAS E ENTRADAS NOS ARMÁRIOS SOCIAIS

Autor: Francisco Leandro de Assis Neto

Universidade Estadual da Paraíba – leandroassis.uepb@gmail.com

Co-autora: Gracielle Malheiro dos Santos

Universidade Federal de Campina Grande – granut@gmail.com

A vida é metaforizada pela língua, já que a última, assim como a primeira pulsa como um organismo vivo, transformando-se a partir do contato com realidades diversas numa troca dialética com culturas e hábitos dos mais variados. É também a partir da língua que sujeito é definido, por si ou por outrem, que lhe afirma ou nega existência. Também é a partir dela que escolhemos nos revelar ou nos esconder, permanecer em um invólucro seguro, familiar, confortável.

O armário é um lugar privativo, nos qual o sujeito resguarda aquilo que não quer e/ou não pode ser revelado, sobretudo aspectos de sua sexualidade e, com efeito, se esta for alternativa à heterossexualidade. A expressão comumente utilizada para designar o lugar ocupado por homossexuais que não assumem sua sexualidade pode ser entendida tanto como um lugar “seguro”, quanto como um lugar “maldito”, principalmente considerado por ativistas das causas LGBTTs¹, vez que para a reivindicação de políticas públicas que garantam seus direitos civis faz-se necessário um expressivo contingente de indivíduos que exijam seus direitos. Mas, por que não problematizar o armário do ponto de vista heterossexual? A resposta é simples: o sujeito heterossexual pertence à norma, ele não necessita do armário para resguardar sua sexualidade – pelo menos não da mesma forma que os demais. Sua sexualidade já é subentendida pela repetição performática que mantém sua suposta “identidade de gênero”. O armário heterossexual não é lugar de “esconderijo” da sua sexualidade, mas de possíveis descontinuidades das suas performances eróticas que podem ser

¹ Sigla para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

percebidas por outros heterossexuais como perversões, como no caso do sadomasoquismo, do *swing*, do *bunkake*, do *culckod* etc. práticas que facilmente poderiam ser classificadas como doentias e desviantes da moral e “conduta saudável” da heterossexualidade. Entretanto, a discussão voltar-se-á para os armários daqueles que performatizam seu gênero paralelamente à heterossexualidade. Focar o armário heterossexual é uma forma de dizer que a opressão heteronormativa não incide apenas sobre os não-heterossexuais, mas também sobre os próprios heterossexuais, regulando, autorizando, ou não, suas práticas eróticas.

O cordel *A briga de um gay com uma mulher macho* narra um embate inusitado em um ponto de ônibus entre um “gay” e uma “mulher macho”.

Um dia desses estava
Esperando Lotação
Quando começou ao lado
Uma enorme discussão,
Pelo que presenciei
Era entre um “homem” gay
E u’a “mulher” sapatão. (MONTEIRO, 2009, p.1)

O narrador informa o local onde ocorre a briga (ou disputa), que parece ser pouco provável, vez que é ensinado que a sexualidade é um assunto de foro íntimo e privado. No entanto, no Brasil, o contato com desconhecidos ocorre de maneira peculiar, filas de banco, salas de espera em consultórios, salões de beleza, bares, barbearias e pontos de ônibus são espaço de interação humana nos quais se discute praticamente sobre tudo, inclusive, sobre sexualidade, sobre a dos outros e sobre a própria. Porém, se tratando de sexualidades não convencionais, a autoafirmação do gênero em alto em bom som não é tão comum, mesmo que já se tenha saído do armário na família ou no trabalho, posto que o “armário” não está restrito “ao quarto”, “ao domicílio”, ao “escritório”. Como aponta Sedgwick:

Cada encontro com uma nova turma de estudantes, para não falar de um novo chefe, assistente social, gerente de banco, senhorio, médico, constrói novos armários cujas lei são características de ótica e física exigem, pelo menos da parte de pessoas gays, novos letramentos, novos cálculos, novos esquemas e demandas de sigilo ou exposição. (2007, p.22)



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Sendo assim, as personagens quando brigam e discutem suas sexualidades abertamente, no meio do “povo”, não estão mais preocupados com o que lhes pode acontecer, ou quem pode estar presenciando a cena. A ação das personagens, além da saída do armário, consiste em um ato de coragem, tendo em vista o número de agressões físicas e assassinatos cometidos contra sujeitos homossexuais, ou que não performatizem o gênero dentro dos termos da heterossexualidade. O motivo da discussão não é informado pelo narrador, mas ele começa dando voz a personagem “Gay” que em seguida assume a pessoa do discurso, assim como o faz desde o princípio a personagem “Sapatão²”.

Não sei porque começaram
A malfadada disputa
Só vi quando a sapatão
Chamou o Fresco de puta
E esse muito agastado
Respondeu-lhe: sou Veado.
Mas sou gostosa e enxuta

SAPATÃO – Tu só és um pouco macho
Eu sou macho de verdade
Só não tenho “aquilo roxo”
Como certa autoridade
Também disse que não tinha,
Mas, pego tanta gatinha,
Que nem somo a quantidade (MONTEIRO, 2009, p.5-6)

Antes de dar voz aos envolvidos na “confusão”, o autor já nomeia os dois pelos vocábulos “Sapatão” e “Fresco, que podem significar respectivamente: Mulher lésbica ativa” (ALMEIDA, 1980, p.222); “Lésbica” (SOUTO MAIOR, 2010, p.185); “Pederasta passivo” (ALMEIDA, 1980, p. 129); “Afeminado, maricas, pederasta passivo” (SOUTO MAIOR, 2010, p.100), conotando preconceito às representações dos dois indivíduos, rebaixando os envolvidos no “embate”, reduzindo a maneira pelas quais subjetivam seu gênero. Contudo, no final da estrofe passa a palavra para o “Gay” que se afirma “Veado”, “gostosa” e “enxuta”. O “Gay”, após insultado de “puta”, antecede o discurso opressor utilizando os vocábulos

² Embora o no título esteja referenciado “mulher macho”, no cordel o autor marca a fala da homossexual masculina ou como “Sapatão” ou só como “S” para indicar quem está fala na estrofe.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

destacados. Ele positiva termos que seriam provavelmente utilizados para depreciar sua imagem, reforçando uma das estratégias *queer*, que consiste na positivação de termos pejorativos (LAURETIS, 1994). Já a “Sapatão” retruca dizendo que é “macho de verdade” que só não tem “aquilo roxo”. A última expressão faz referência ao ex-Presidente Fernando Collor de Melo quando, em 1991, na cidade de Juazeiro do Norte, no Ceará, afirmou ter nascido com “aquilo roxo”: “A expressão, empregada no Nordeste, é utilizada para designar virilidade e coragem. Entretanto, as personagens ao “saírem” do armário verbalizando sua sexualidade, correm o risco de serem, a partir daquele momento, representados apenas por ela. Não se interpela: “Você é heterossexual?”; porque isso não importa, contudo, a interpelação pela homossexualidade é repetida em vários discursos. Não se ouve alguém dizer: “O professor heterossexual” fez isto ou aquilo, mas “Aquele professor gay” fez isto ou aquilo. Gays médicos, empresários, advogados, professores, policiais, sargentos, não existem nesta lógica, mas, médicos gays, empresários gays, advogados gays, professores gays, policiais e sargentos gays. Para não citar enfermeiros, cabeleireiros e estilistas cujas profissões são frequentemente estigmatizadas. Entretanto, as personagens continuam a não só “sair do armário”, mas a destruí-los.

S – Lá em casa mando e mando e desmando,
O que eu disser está dito
Se eu disser que a coisa é bela
A esposa diz é bonito,
Esposa não a ficante,
Ficante não, a amante,
Amante não! Oh! Conflito.

G – Está vendo queridinha
Como é melhor ser veado?
[...]
O chamo do que quiser
Ele me chama também
Horas me chama cachorra,
Horas me chama de bem;
Tratamento é letra morta
Pois, de fato o que importa
É o tesão que ele tem. (MONTEIRO, 2009, p.6-7)



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Tanto a “Sapatão” quanto o “Gay” abrem sua vida conjugal, uma dizendo que manda e domina sua parceira, o outro reforçando a imagem de submissão do homossexual efeminado, aceitando ser nomeado por palavras, que inseridas na dinâmica erótica podem surtir algum efeito de excitação. Pois como explica Costa Lima:

No Brasil, por exemplo, a partir dos mais jovens difunde-se o emprego do palavrão, com finalidade carinhosa. Para que então se saiba quando uma expressão grosseira, tipo “filho da puta”, é usada agressivamente ou afetivamente, é necessário que apreenda corretamente o “cerimonial social”. (1981, p.220)

Sabe-se que o cordelista dá voz às personagens, e que não tem em primeiro plano o ativismo político minoritário, mas sim a venda do cordel, produto que comercializa. Contudo, ao adentrar o mundo ficcional produzido na obra, nos deparamos com personagens bastante corajosas em sair da falsa sensação de segurança que o “armário” pode proporcionar e vir à tona. Uma vez que, como afirma Sedgwick:

Nenhuma pessoa pode assumir o controle sobre todos os códigos múltiplos e muitas vezes contraditórios pelos quais a informação sobre a identidade e atividade sexuais pode parecer ser transmitida. E muitas relações, senão na maioria delas, assumir-se é uma questão de intuições ou convicções que se cristalizam, que já estavam no ar por algum tempo e que tinham estabelecido seus circuitos de força de silencioso desprezo, de silenciosa chantagem, de silencioso deslumbramento, de silenciosa cumplicidade. (2007, p.38)

Pode-se entender da citação acima a problematização que autora faz diante do ato de “saída do armário” como uma ideia também já cristalizada pela heterossexualidade. A “intuição” e “convicção” sutilmente implantadas no inconsciente pelo discurso da norma. A saída do armário tanto pode se tornar mais um instrumento a serviço da heteronormatividade, como também pode ser um ato que auxilia o indivíduo na reivindicação dos seus direitos civis, de tratamento médico especializado, de apoio familiar etc. O episódio narrado também conta com um importante aspecto reivindicado tanto pelos Estudos de Gênero quanto pelos



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Estudos *Queer*: a visibilidade lésbica. Com as comparações feitas entre as personagens sobre a respectiva importância de seu gênero na sociedade, a “Sapatão” assume a “vitória” do “Gay”. Todavia, isso não corresponde a uma rendição, pois ainda profere um discurso político sobre seu gênero:

Até nisso mulher sofre
Basta ousar ou transgredir,
Homem pode ser veado,
Já mulher, se preferir
Mulher em lugar de macho
Vai sofrer tanto esculacho
De pensar em desistir...

Mas, não desistam, minhas colegas!
Amar nunca foi pecado,
Mulher pode amar mulher,
Homem pode amar veado,
O amor é livre, e... será
Por todo sempre haverá
Quem ame e quem seja amado. (MONTEIRO, 2009, p.12)

Duas afirmações da personagem chamam atenção em particular: “Homem pode ser veado” e “Homem pode amar veado”. A primeira sugere que a personagem indicada admite que o “Homem”, na acepção heterossexual, pode performatizar uma relação erótica com outro do mesmo sexo, e ainda assim ser considerado “homem” quanto ao gênero. A segunda, mais intrigante, pode ser entendida de muitas formas: que um homem (aquele que performatiza o masculino) pode apaixonar-se por um veado (aquele que tem uma performance de gênero efeminada), como também sua classificação pode estar voltada apenas para a relação erótica dos dois, na binaridade ativo/passivo. Vale perceber, então, que a “Sapatão”, mesmo em “disputa” com o “Gay” reconhece as várias maneiras que a sexualidade pode oferecer. Assim como aponta Fry:

Um homem de Belém, por exemplo, pode tranquilamente manter relações sexuais com uma pessoa que considere uma bicha. Para ele, não tem nada de diferente nesta atividade. Nem por isso ele é menos homem. Até poderia se



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

considerar mais macho que nunca. Da mesma forma, um jovem rapaz da cidade de São Paulo poderia manter uma relação sexual com um senhor mais velho em troca de alguns cruzados. Como nosso amigo paraense não é menos homem por isso e jamais se pensaria como homossexual. Na mesma cidade de São Paulo, um homem universitário, militante do movimento homossexual, pode discordar com o jovem prostituto e afirmar que ele é um homossexual só que não sabe, não tem consciência. (1991, p.7-8)

No pensamento de Fry (1991) pode-se perceber a diversidade do “reconhecer-se” homossexual, que de modo algum está subjugado à performance erótica, mesmo que assim o pense a heterossexualidade e, inclusive, alguns integrantes do movimento de minoria sexuais.

As últimas falas da personagem “Sapatão” também funcionam para dar visibilidade, o “sair do armário” lésbico parece ser politicamente mais urgente, pois lésbicas em todo o mundo são “esquecidas” socialmente, tornam-se invisíveis às próprias leis que priorizam outras versões de gêneros “minoritários”. Essa negligência e “apagamento” é uma herança que atravessa os séculos. Segundo Borrillo:

O que caracteriza as lésbicas nas relações sociais baseadas em gênero é o fato de elas serem, devido a sua feminilidade, invisíveis e silenciosas. A anedota atribuída à rainha Vitória, no século XIX, quando da modernização das penas contra as relações sexuais entre homens, ilustra tal constatação. Interrogada sobre a impunidade das relações sexuais entre mulheres, a rainha respondeu: “Como punir algo que não existe?”. Alguns anos mais tarde, ao analisar a homossexualidade, Sigmund Freud se referiu quase exclusivamente aos homens. O pai da psicanálise consagrou apenas um de seus estudos à homossexualidade feminina e, ao contrário do que fez em seus outros casos, não atribuiu pseudônimo a sua paciente. (2001, p.23)

“Sair do armário” pode ser entendido como a única maneira de enfrentar este apagamento social, conseqüentemente vindo à tona mais variações de lesbianidades, a fim de que lésbicas parem de ser entendidas majoritariamente como mulheres masculinizadas, que têm o corpo masculino como um ideal a ser alcançado, e todas as outras imagens estereotipadas que os discursos heteronormativos infligem às pessoas que fogem às regras normatizantes. Mas que também sejam possíveis imagens de lésbicas femininas, delicadas,



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

que se sintam atraídas por outras mulheres igualmente “femininas”, sem que isso cause espanto, medo ou excitação, mas que seja encarado como mais uma das muitas possibilidades da sexualidade.

No cordel *O casamento do boiola* (BORGES, s/d) a homossexualidade é assumida primeiramente no espaço público para, só então, ser assumida no espaço privado, na casa dos pais da personagem:

O filho do deputado
Era um rapaz musculoso
Cursava universidade
Era muito estudioso
E os colegas de estudo
Lhe chamavam meu gostoso.

Um dia o pai lhe falou
Meu filho que história é essa
Meu único filho é você
Lhe considero boa peça
Só não diga que é gay
Não faça uma coisa dessa. (BORGES, s/d, p.1)

“O filho do deputado” já era compreendido como homossexual pelos seus colegas no meio social – afirma-se que era universitário – antes mesmo de compartilhar com as pessoas em quem mais devia confiar. Talvez as portas mais bem trancadas, e “os armários feitos de jacarandá” sejam aqueles formados dentro do seio familiar. O medo da rejeição daquelas pessoas que mais ama, ou que mais teme os faz relutar em revelar aos pais a sua sexualidade. Para uma proposta de aceitação, segundo Borrillo:

o

[...] será preciso se voltar para as famílias a fim de que os pais compreendam que um filho gay ou um filha lésbica não constituem de modo algum um problema, mas que, ao contrário, a rejeição ou não-aceitação de seus filhos em razão de sua orientação sexual e a violência cometida devem ser os verdadeiros objetos de preocupação. O anúncio da orientação dos filhos aos mais próximos, e principalmente aos familiares, constitui a principal fonte de angústia de homossexuais adolescentes. (2001, p.44)



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

O pai do rapaz ainda tenta esboçar algum tipo de reação a fim de impedir que o filho continuasse sua “declaração”: “lhe considero boa peça/ só não me diga que é gay”. Muitas pessoas se questionam sobre o alto índice de prostituição entre travestis, transexuais e homossexuais em geral. Todavia, não se percebe que a maioria daqueles que se prostituem, ou que trabalham em ramos específicos, muitas vezes proporcionando-lhes uma vida medíocre, não tiveram apoio da família quando decidiram “sair do armário”. O estado também não está preparado para receber esse público garantindo-lhes direitos básico e universais, como educação saúde e segurança; escolas e professores não se preparam para lidar com situações específicas de homofobia, muitas vezes eles mesmo as praticam; hospitais e postos de saúde os atendem já identificando-os como “grupo de risco”, como se uma doença pré-existente já houvesse; a polícia os persegue, não raro ao prestar queixa de agressão as vítimas são “culpabilizadas” pelo que sofreram, ou seja, são pessoas que, na maioria das vezes, apenas negativas recebem daqueles que deveriam protege-las. A personagem de Boges (s/d) continua:

Disse ele: perdão meu pai
Isso não me descontrola
Sou um filho obediente
Sou muito bom na escola
Mas no meio dos meus colegas
Eu sou um pouco boiola.

O pai ficou arrasado
E em casa disse a mulher
Ele puxou a você
Dê o caso que der
Sou homem e sempre faço
Os gostos que você quer. (BORGES, s/d, p.2)

O filho justifica ao pai que o fato de ser homossexual não alterará em nada os outros aspectos de sua vida, o que não é compreendido pelo seu progenitor, que se volta contra sua esposa em ato de protesto. O protesto do deputado em dizer que o filho “puxou” à mãe indicia



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

que o pai teve sua própria sexualidade ameaçada, posto que o filho é um “fruto” seu. Este fenômeno que a “saída do armário” pode provocar é levantado por Sedgwick:

O duplo potencial de prejuízo no caso da revelação gay, ao contrário, resulta em parte do fato de que a identidade erótica da pessoa que assiste à revelação está provavelmente implicada na revelação e, portanto, será perturbada por ela. Isso é verdadeiro, em primeiro lugar e em geral, porque a identidade erótica não deve ser nunca circunscrita em si mesma, não pode ser nunca não relacional, não deve ser percebida ou conhecida por alguém fora de uma estrutura de transferência e contratransferência. Em segundo lugar, e de maneira específica, é verdadeiro porque as incoerências e contradições da identidade homossexual na cultura do século XX respondem a – e, portanto, evocam – as incoerências e contradições da heterossexualidade compulsória. (2007, p. 39-40)

Como apontado por Sedgwick, a homossexualidade, ou qualquer outra expressão de gênero não pode ser apresentada circunscrita e si mesma, mas num âmbito relacional. É nesta relação, nesta esfera que pais, assim como o deputado, sentem-se falhos, muitas vezes com a própria “identidade” ameaçada, o sistema heterossexual também rói nestes casos, o “método falhou”, não sendo incomum pais ou mães nesse caso perguntando-se “onde foi que eu errei”, como se a sexualidade fosse uma receita de um suflê, cuja menor variação de temperatura do forno; decigramas a mais ou a menos de fermento pudesse fazê-lo um desastre, não crescer como deveria ou crescer demais e transbordar da fôrma. Sendo assim, um dos lugares mais complexos de se trabalhar a sexualidade é justamente em casa.

Foi observado neste eixo o quanto é exigido do sujeito em relação à sua sexualidade, uns que escancaram sua sexualidade e com isso sentem-se mais livres, outros que são obrigados a fazê-lo. Estas questões impulsionam a noção da pluralização das formas de se performatizar o gênero, bem como também as formas pelas quais os sujeitos são oprimidos, pois neste “jogo”, segundo Sedgwick:

Tem a visão minoritarista de que há uma população diferenciada de pessoas que “são realmente” gays. Ao mesmo tempo, mantém as visões universalizantes de que o desejo sexual é um solvente poderoso e



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

imprevisível de identidades estáveis; de que pessoas e escolhas de objetos aparentemente heterossexuais são fortemente marcadas por influências e desejos em relação ao mesmo sexo, e vice-versa; e de que pelo menos a identidade heterossexual masculina e a cultura masculinista moderna podem requerer, para sua manutenção, a cristalização, como bode expiatório, de um desejo masculino pelo mesmo sexo que é disseminado e, primordialmente, interno. (2007, p.46)

Nessas relações ancoram-se as “saídas” e “entradas” nos armários, um local que ao mesmo tempo em que pode parecer um refúgio, facilmente, também pode se transformar na cela na qual, muitas vezes, o sujeito irá cumprir uma prisão perpétua. Por outro lado, não se pode negligenciar aqueles que não necessitam de definições de afirmações, ou negações desta ou daquela sexualidades; um número crescente de pessoas que convivem com o seus desejos e vontades de maneira leve.

A análise destas obras sob uma nova visada não abandonou o critério histórico, fazendo um estudo tanto das bases epistemológicas dos Estudos *Queer* quanto das normas que critica. Podem-se acusar as análises feitas e os pontos levantados como uma “reafirmação da lei”, sob o pretexto de que ela foi citada durante todo texto para que se fizesse visível os aspectos *queer* e a sua importância para uma política do respeito. Todavia, necessitou-se fazê-lo, pois somente entendendo o sistema opressor se pode combatê-lo ou apontar suas falhas. Ou nas palavras de Viñuales: “abordar qualquer tema da homossexualidade – ou qualquer outra sexualidade dissidente – sem explicar previamente o modelo que estas práticas questionam é uma perda de tempo.” (2002, p.20). É importante dizer que as falhas não estão depositadas nos sujeitos, são “os sujeitos falhos”, mas o sistema que tenta assimilá-los ou expeli-los. Um sistema baseado na “genitalidade” e “eroticidade”, bem como na negação do outro o colocando sob uma política binária perversa está fadado ao fracasso. Um sistema que necessita da repetição compulsória para se afirmar natural é no mínimo um paradoxo. A naturalização dos discursos, e o pretexto biológico das espécies não podem ser tomados como uma verdade. Se pelo discurso bíblico o ser humano é a imagem e semelhança de Deus, como compará-lo às demais criaturas? O humano não é a única espécie no planeta que apresenta



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

comportamentos sexuais diversos da binaridade pretensa nos textos religiosos e científicos. Contudo, é a única espécie que pune aqueles que o fazem, é a única espécie que “reina” entre as fobias, homofobia, lesbofobia, transfobia, ginecofobia, falofobia, medomacufobia, malaxofobia.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Horácio de. **Dicionário erótico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica Editora, 1980.
- BORGES, J. F. **O casamento do boiola**. Bezerros/PE: [s.n.], s/d.
- BORRILLO, Daniel. **Homofobia**. Barcelona: Bellaterra, 2001.
- COSTA LIMA, L. **Dispensa demanda**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.
- FRY, P. ; MACRAE, E. **O que é homossexualidade**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- LAURETIS, T. Habit changes. **Differences: A Journal of Feminist Cultural Studies**, v. 6, n. 2-3, p. 296-313, 1994.
- MONTEIRO, M. **A briga de um gay com uma mulher macho**. Campina Grande/PB: [s.n.]. 2009.
- SEDGWICK, E. K. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, v. 28, n. 1, p. 19-54, 2007.
- SOUTO MAIOR, Mário. **Dicionário do palavrão e termos afins**. Belo Horizonte: Leitura, 2010.
- VIÑUALES, Olga. **Identidades lésbicas**. Barcelona: EdicionesBellaterra, 1999.